

ECONOMIA

CONJUNTURA

Perspectiva de alta nas taxas deixa ministros e aliados políticos descontentes com o governo. Depois de Furlan e Mercadante, presidente da Câmara, João Paulo Cunha, sugere ajustes na política econômica

Aumentam críticas contra os juros

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A grande possibilidade de o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central aumentar a taxa básica de juros (Selic) em mais 0,5 ponto percentual ainda neste mês fez ressurgir, com força, as queixas contra a política econômica do ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Apesar de o ministro estar fortalecido pelo excelente resultado do Produto Interno Bruto (PIB), que cresceu 5,3% no acumulado dos nove primeiros meses do ano, o descontentamento de parcela importante do governo com os juros altos é crescente. Sobretudo, porque a Selic elevada está contribuindo para derrubar as cotações do dólar e pondo em risco as exportações do país.

O coro das queixas, que vinha sendo comandado pelo ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, e pelo líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), foi engrossado pelo presidente da Câmara, deputado João Paulo Cunha (PT-SP). "Todos os indicadores da economia são positivos e mostram a correção da política econômica. Mas essa correção não significa que (a política econômica) não necessita de eventuais ajustes", afirmou João Paulo. Ele preferiu, porém, não detalhar quais ajustes seriam necessários. "O ministro Palocci saberá na hora certa fazer os ajustes", disse, diplomaticamente.

O descontentamento com a

política de juros atinge até mesmo o Ministério da Fazenda — mais precisamente o Tesouro Nacional. Um grupo de técnicos tem dito com frequência que o BC está se pautando demais pelas projeções do mercado financeiro para definir os rumos da Selic. "Basta ver as projeções da pesquisa semanal *Focus* — com cerca de cem instituições financeiras e empresas de consultoria — para constatar isso. Com essa postura, o BC dificulta até a venda de títulos públicos pelo Tesouro", reclamou um dos técnicos.

Mercado interno

A crítica maior é contra os juros reais, que descontam a inflação. São essas taxas que indicam se um investimento no setor produtivo é ou não um bom negócio. Segundo o *Focus*, com uma taxa Selic de 17,75% no final do ano e uma inflação de 7,26%, os juros reais ficarão de 9,78%. Para 2005, o quadro traçado pelo mercado não é muito diferente. Mesmo com a inflação caindo para 5,8% e a Selic fechando o ano em 15,5%, os juros reais serão de 9,16%. "É uma taxa elevada em qualquer lugar do mundo", reconheceu o economista-chefe do Banco Credit Lyonnais, Dalton Gardiman.

O atual patamar de juros reais se torna mais preocupante, na avaliação do vice-presidente da Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais (Abamec), Carlos Antonio Magalhães, quando comparado ao nível de rentabilidade da maior parte das empresas brasileiras. Pelos seus cálculos, excluídas as grandes

José varella/CB/18.9.03



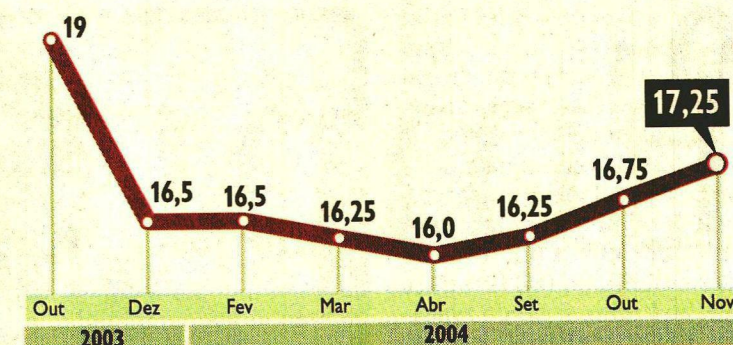
MORDE E ASSOPRA: DEPOIS DE CRITICAR GOVERNO, CUNHA DEFENDE PALOCCI

exportadoras brasileiras, que têm tido lucros espetaculares, o retorno patrimonial das demais companhias gira em torno de 4% a 5% ao ano. "Trata-se de um

rendimento inferior ao da cadereta de poupança, de 6% ao ano mais a variação da Taxa Referencial (TR), o pior investimento do mercado", afirmou.

EM ALTA

Taxa básica de juros no Brasil
Em % ao ano



No entender do diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida, os juros vão se tornar um problema maior daqui por diante porque o crescimento da economia vai depender muito mais do mercado interno do que das exportações, que vinham sustentando o PIB. "Se a política de juros altos se estender por um prazo muito longo, as empresas tendem a cortar os investimentos no aumento da produção. O resultado disso será menos empregos e renda. A consequência: a retração da demanda interna e uma menor expansão do PIB", disse.

Problema grave

Para Almeida, o problema dos juros altos se torna mais grave porque está combinado com uma carga tributária extremamente elevada. "Nos últimos meses, a economia brasileira se mostrou muito criativa para driblar todos os entraves para cres-

cer. Mas estamos chegando novamente ao limite. É isso que está provocando a gritaria contra os juros e contra o dólar em baixa", destacou o diretor do Iedi. "Estamos todos preocupados com a queda das exportações e com a retração da demanda interna", emendou.

Segundo o economista Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura Econômica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o BC aumentou os juros nos últimos meses para conter as expectativas futuras de inflação maior. Como o banco não está seguro se realmente os índices de preços estão sob controle, vai promover nova elevação da Selic neste mês e deverá esperar pelo menos três meses para ver se o aperto monetário surtiu o efeito esperado. Se a constatação for positiva, aí, sim, os juros poderão cair novamente. Mas tudo será feito de forma muito lenta, para desespero dos críticos de Palocci.